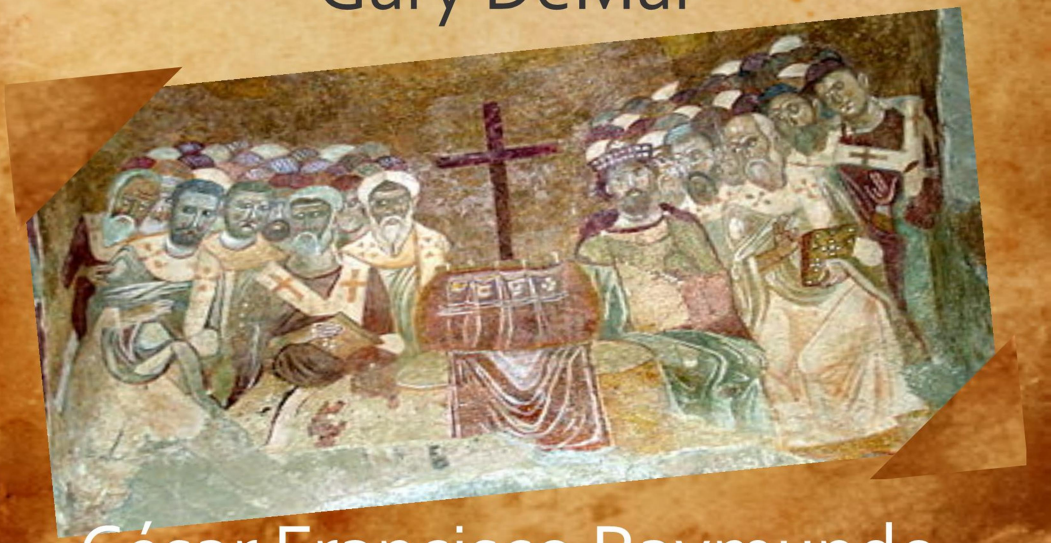
revista cristã
última chamada

Credos e Confissões de Fé versus Comentaristas Bíblicos

Uma resposta ao teólogo Gary DeMar



César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Credos e Confissões de Fé versus Comentaristas Bíblicos

Uma resposta ao teólogo Gary DeMar

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário pelo PIX

CPF: 93486847953

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

_____

Credos e Confissões de Fé versus
Comentaristas Bíblicos

Uma resposta ao teólogo
Gary DeMar

Autor: César Francisco Raymundo

Revista Cristã Última Chamada

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da internet)

_____

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Julho de 2025

Índice

Sobre o autor 07
Introdução 08

1-Sola Scriptura ou Solo Scriptura? 14

2 - Por que o Dispensacionalismo é tão aprovado nas igrejas evangélicas? 18

3- O que deu origem à confusão escatológica no mundo cristão? 21

O Senhor virá? Ele está vindo? ou Ele está prestes a vir? O Credo de um ângulo diferente. 25

Ameaças para quem não aceitar os Credos 29

Inconsistências Interpretativas entre os Comentaristas Bíblicos 32

4 - Sobre 1ª Tessalonicenses 4:13-18 36

5 - O Retorno Pessoal e Final de Cristo em Atos 1:9-11 40

Conclusão
Os Credos e Confissões de Fé estão Corretos até Certo Ponto 43

Obras importantes para pesquisa... 45

Sobre o autor

César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976, em Londrina, Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos 13 anos e, na década de 1990, tornou-se membro da Igreja Presbiteriana do Brasil. Com mais de trinta anos de estudo autodidata em teologia e filosofia, César se aprofundou em diversas vertentes teológicas, incluindo Historicismo, Preterismo Parcial, Pós-milenismo, Preterismo Completo, Idealismo, Dispensacionalismo e Pré-milenismo, sempre analisando as fontes originais de cada uma delas.

Ele propôs a **teoria da Escatologia Concreta**, visando a busca de um consenso na profecia bíblica com todas as correntes escatológicas unidas. Também propôs o **Conceito de História Interrompida** que pode ser encontrado em seu e-book intitulado **História Interrompida: O Freio do Mal e a Melhora do Mundo**.

César é amplamente reconhecido como mestre em seu campo, sendo um pensador crítico e profundo, comprometido em formar novas gerações de estudiosos e pensadores da fé cristã. Ele escreveu o primeiro **Comentário Preterista sobre o Apocalipse**, além de ser autor do primeiro **Dicionário de Escatologia do Preterismo** e da primeira **Bíblia de Estudo Preterista Parcial** do Brasil.

Atualmente tem se dedicado à produção de material teológico, como livros, folhetos e revistas, com o objetivo de divulgar a Boa Nova da Salvação em Cristo e apresentar uma visão alternativa e equilibrada sobre a escatologia, desafiando a visão tradicionalmente pessimista das igrejas.

Introdução

"Andarão dois juntos, se não houver entre eles acordo?"
- Amós 3:3

Um dos primeiros caminhos percorridos pelos hereges é a negação dos Credos e Confissões de Fé da Igreja. Este é o primeiro passo da hipocrisia, pois se alguém perguntar ou pedir para os hereges recitarem sobre o que eles acreditam, inevitavelmente irão escrever ou declarar uma pública confissão de fé. Portanto, não há como fugir dos Credos e Confissões de Fé. Nem mesmo os hereges podem fugir disso, pois inevitavelmente eles terão que escrever ou declarar publicamente sua fé, e isto é uma confissão de fé ou um credo por si mesmo. Os Credos e Confissões de Fé da Igreja foram feitos por homens falíveis, mas também somos todos falíveis em nossas crenças. Mais uma vez, inevitavelmente, veja o leitor que não há como fugir de uma declaração de fé – mesmo que somos falíveis. É como aqueles que dizem não ter ideologia nenhuma, mas o próprio fato de não ter ideologia já é em si mesmo uma ideologia. É também o mesmo que dizer que não existe Verdade Absoluta, mas somente verdade relativa, ou seja, cada um tem a sua própria verdade; mas isto por si só é uma contradição e uma declaração de que há uma Verdade Absoluta – no caso, a verdade relativa seria a Verdade Absoluta. Pois se perguntarmos para seus defensores se a verdade relativa é verdade ou não, eles dirão que é Verdade e ponto final.

E é justamente sobre esses assuntos que vou tratar neste e-book. O famoso teólogo americano, Gary DeMar, em seus desvios doutrinários indo em direção ao Preterismo Completo e negando a

futura ressurreição dos mortos, escreveu um e-book de 80 páginas intitulado: *When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree* (Quando credos e confissões não dizem o suficiente e os comentaristas não concordam). Para justificar suas crenças, DeMar passou a questionar os Credos e Confissões de Fé da Igreja e suas contradições com os comentaristas bíblicos. Esse e-book escrito por Gary DeMar será aqui refutado.

Gary DeMar começou a ter problemas em relação aos textos proféticos porque "mais perguntas surgiam" levando-o a ter que "lidar com textos adicionais".[1] Ele acrescenta que com "o tempo, com muito estudo e comparando o que outros comentaristas e estudiosos sólidos apresentaram, comecei a examinar algumas interpretações tradicionais de passagens específicas que não pareciam se encaixar na caixa escatológica padrão que fomos chamados a confessar. Ao fazer isso, notei muitas inconsistências. Após a publicação *de The Reduction of Christianity* (1988) e muitas edições e impressões de *Last Days Madness* (1991-2022) e inúmeras entrevistas de rádio e debates, outras pessoas também as notaram e frequentemente me contatavam e pediam ajuda. Isso me obrigou a estudar mais".[2]

Como resultado, segundo Gary DeMar, ele foi muito procurado por pessoas que tinham perguntas sobre Escatologia bíblica. As perguntas eram sobre inconsistências entre os expositores do ensino sobre profecias bíblicas.

Por outro lado, há muitas pessoas que são verdadeiramente cristãs e nunca ouviram falar do Credo Niceno ou dos Padrões de Westminster. Essas pessoas não ficam satisfeitas se for apelado para os Credos e Confissões para embasar ensinamentos bíblicos. Elas

[1] When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree By Gary DeMar. AmericanVision.org
[2] Idem nº 1, pg. 2.

querem mestres que defendam o caso da Escatologia bíblica a partir da própria Bíblia.

Embora haja os Concílios, Credos e Confissões de Fé, é válido o conselho da Confissão de Fé de Westminster:

> "O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias da religião devem ser determinadas, e todos os decretos de concílios, opiniões de escritores antigos, doutrinas de homens e espíritos privados devem ser examinados, e em cuja sentença devemos descansar, não pode ser outro senão o Espírito Santo falando nas Escrituras". (WCF, 1:10)

É verdade que as declarações dos Credos ou Confissões de Fé podem estar erradas ou fornecer um suporte bíblico incorreto. Mas quando confrontar essas Confissões e Credos é necessário apresentar as fontes de onde a interpretação foi tirada.

Por exemplo, as passagens das Escrituras Sagradas que os bispos do Concílio de Nicéia usaram ao formularem a frase: "Ele virá novamente, com glória, para julgar os vivos e os mortos; cujo reino não terá fim", foram tiradas de Mateus 16:27-28; 24:27, 30, 37, 48, 50; 25:19, 31-32; Atos 1:11; 17:31; 1ª Tessalonicenses 4:13-5:11; 2ª Tessalonicenses 2:1-2; Apocalipse 1:7; 2:5, 16; 3:3, 10; 19:11-16; 22:7, 10, 12, 20.

Como eles interpretaram cada um desses versículos para chegarem à conclusão sobre as cláusulas escatológicas? Nós não sabemos. O que sabemos é que o Credo Niceno é apenas direto no que diz a Fé Cristã para que os cristãos devam acreditar. Poderíamos dizer que a maioria das declarações do Credo podem ser respondidas com um único versículo, mas a questão é: quais versículos eles usaram nas declarações escatológicas?

É fato que há doutrinas bíblicas que são fáceis de entender e onde há um acordo quase universal na Cristandade. Mas devemos ver que algumas doutrinas são mais difíceis, que "pessoas ignorantes e instáveis distorcem, como fazem com o resto das Escrituras, para sua própria destruição" (2ª Pedro 3:15-16).

Um grande problema é a falta de conhecimento bíblico por parte de grande parte dos cristãos. Creio que a maioria não conhece a Bíblia o suficiente para se envolver em algumas disputas na interpretação da Bíblia. A Escatologia é um assunto que passei muito tempo estudando a fundo, publicando e-books e artigos ao mesmo tempo em que sempre debati e argumentei. Uma característica marcante em minha jornada cristã é a constante busca pelo contraditório. Nunca chego a uma conclusão sobre qualquer assunto sem antes explorar todas as perspectivas, sem depender de opiniões de terceiros, e sempre buscando compreender a origem da questão. Só assim posso avaliar se o que acredito realmente é verdadeiro. Sem o contraditório, não há progresso no conhecimento, e é impossível descobrir a verdade sobre qualquer tema. É claro que no passado alguma vez ou outra negligenciei, mas quase noventa e nove por cento das vezes procurei ser prudente.

É fato que os crentes reverenciam muito a Bíblia. Mas, em geral, não a leem e nem a estudam profundamente. Muitos são analfabetos bíblicos devido à falta de leitura da Bíblia. É lamentável que as pessoas saibam muito pouco sobre a Bíblia, uma vez que ela é à base da fé da maioria delas.

O resultado é que interpretar uma passagem corretamente fica difícil. Mas este não é um problema novo. As Escrituras repetidamente mostram mal-entendidos entre os discípulos que precisavam de correção (Mateus 5:38-42; veja Êxodo 21:20-25) As vezes os problemas na interpretação vem de traduções defeituosas. Um exemplo está Mateus 24:3 em que deveria ser traduzido "era" [*aiōn*, em grego] não "mundo" [*kosmos*]). O mesmo se dá em Mateus

24:14, cuja palavra traduzida como "mundo" é *oikoumenē* e não *kosmos*. A palavra grega *oikoumenē* significa "terra habitada" e era uma referência limitada ao mundo romano, não ao Planeta Terra.

Outras limitações em relação à interpretação bíblica se dão por que a verdade é encoberta por tradições criadas pelos homens que acabam invalidando a Palavra de Deus (Mateus 15:1-14). Muitos desconhecem sobre o que a Bíblia diz em uma determinada passagem, o que pode resultar em conhecimento popular, mas equivocado da Bíblia. Veja alguns exemplos desta última questão:

1. Muitos ensinam que a arca de Noé repousou no Monte Ararate. Isto é falso, pois a arca repousou sobre os "montes de Ararate" (Gênesis 8:4).

2. Quem cortou o cabelo de Sansão? A resposta comum é que foi "Dalila". Isso está incorreto conforme Juízes 16:19.

3. Elias foi levado ao céu em uma carruagem de fogo? Não! "E aconteceu que, quando o SENHOR estava prestes a elevar Elias num redemoinho ao céu, Elias foi com Eliseu de Gilgal" (2º Reis 2:1). Uma "carruagem de fogo e cavalos de fogo" separaram Elias e Eliseu, e para repetir o que é dito no primeiro versículo, "E Elias subiu num redemoinho ao céu" (2º Reis 2:11; cf. 6:17).

4. Três magos foram visitar Jesus enquanto ele estava deitado na manjedoura? Falso! O texto bíblico não diz o número de magos que visitaram Jesus. Talvez seja pelos três presentes entregues a Jesus (Mateus 2:11). Os magos encontraram Jesus em uma casa: "E eles entraram na casa e viram o Menino com Maria, sua mãe" (Mateus 2:11). A canção de Natal confunde muitas pessoas e ajuda a perpetuar certos erros em relação ao Natal de Cristo.

5. A definição bíblica de "anticristo" está nas cartas do apóstolo João. Em contradição a interpretação moderna, as cartas de 1ª João 2:18; 2:22; 4:3 e 2ª João 7 mostram que o "anticristo" é um "enganador" que não "reconhece Jesus Cristo vindo em carne" e não aparece no livro de Apocalipse. João e seus primeiros leitores estavam vivendo a "última hora", quando ele escreveu: "Assim como vocês ouviram que o anticristo está vindo, também agora muitos anticristos têm surgido; por isso conhecemos que é a última hora" (1ª João 2:18). Portanto, não há referência a um Anticristo futuro, para o nosso tempo.

Sola Scriptura ou Solo Scriptura?

Há uma distinção entre *Sola Scriptura* e *Solo Scriptura* que é frequentemente negligenciada e pouco falada:

> "Os cristãos são pessoas das Sagradas Escrituras. Nós ordenamos nossas vidas e crenças de acordo com os ensinamentos das Escrituras. Como o *Breve Catecismo de Westminster* corretamente pergunta e responde: "Que regra Deus deu para nos direcionar como podemos glorificá-lo e desfrutá-lo? A Palavra de Deus, que está contida nas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos, é a única regra para nos direcionar como podemos glorificá-lo e desfrutá-lo".
>
> As Escrituras são a única regra. Esta verdade está no centro da fé protestante. Sem este princípio, toda a casa da Reforma desmorona. É importante notar que os reformadores se apegaram à sola Scriptura, não à solo Scriptura. Solo Scriptura defende um individualismo radical que rejeita a igreja, os credos, as confissões e a tradição como tendo qualquer autoridade, ao mesmo tempo que abraça o julgamento privado acima de tudo".[3]

[3] Jason Helopoulos, "Is Scripture Alone the Same Thing as Scripture Only?," Table Talk (August 7, 2019): https://tabletalkmagazine.com/posts/is-scripture-alone-the-same-thing-as-scripture-only/ Apud Gary DeMar, *When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree*, p. 09. Versão eletrônica em PDF.

A defesa de qualquer crença bíblica se baseia no que a Bíblia ensina a respeito dessa crença. Quem poderia discordar disso? No entanto, os estudiosos da Bíblia frequentemente buscam a ajuda de especialistas de diversas áreas, como linguística, gramática, cultura e política da época, e a relação entre o Antigo e o Novo Testamento. Tais consultas, que envolvem fontes externas à Bíblia, geram discussões devido às diferenças nas interpretações de comentaristas sobre uma mesma passagem.

Além disso, o uso de dicionários, léxicos e estudos linguísticos, que examinam o significado das palavras e seu uso em contextos variados, é fundamental. Mesmo com as mesmas fontes à disposição, os envolvidos em debates sobre a interpretação bíblica chegam a conclusões distintas, o que gera divergências significativas.

Essas diferenças podem alterar o entendimento de textos bíblicos, especialmente em áreas como a Escatologia. Nesse campo, por exemplo, existem diversas interpretações sobre Apocalipse 20, várias visões sobre o "arrebatamento da igreja", diferentes abordagens sobre o livro de Apocalipse, e múltiplas opiniões sobre o inferno, o papel de Israel nas profecias, além das visões preterista, futurista e mista do Discurso do Monte das Oliveiras. No fim, a pergunta que permanece é: "O que as Escrituras realmente ensinam?" Da mesma forma como Jesus respondeu ao tentador com as Escrituras, quando discutiram sobre a natureza de Deus e a missão de Cristo (Mateus 4; Lucas 4), o foco continua sendo a fidelidade ao que está escrito.

Não podemos subestimar o trabalho da Igreja ao longo dos séculos ou a contribuição que ela trouxe ao longo de quase dois milênios. Em certos círculos, quando surgem desacordos, é comum recorrer a fontes consideradas incontestáveis, como os Credos que muitas vezes carecem de base bíblica para sustentar uma doutrina ou Confissões que citam passagens que não corroboram suas afirmações. Esse método funciona dentro dos limites do que é aceito como "ortodoxia", o que, por sua vez, desencoraja uma reavaliação de

doutrinas como a Escatologia, uma área onde frequentemente existem grandes divergências. Diante disso, alguns buscam respostas definitivas em autoridades superiores, como a Igreja Católica Romana ou a Igreja Ortodoxa.

Vamos refletir sobre a doutrina da Reforma que identificava o papado como o anticristo bíblico. Essa ideia era tão amplamente aceita que foi incluída na Confissão de Fé de Westminster (WCF) de 1647, no Capítulo 25, seção 6, que afirma:

> "Não há outra cabeça da igreja senão o Senhor Jesus Cristo. Nem o papa de Roma, em nenhum sentido, pode ser cabeça dela: antes, ele é o Anticristo, o homem do pecado e filho da perdição, que se exalta na Igreja contra Cristo e tudo o que é chamado Deus".

Essa visão era amplamente compartilhada após a Reforma Protestante. A Bíblia de Genebra de 1560, um produto direto da Reforma, refletia esse entendimento. João Calvino e as notas marginais dessa Bíblia identificaram o anticristo e o homem do pecado, "este adversário" e "o mistério da iniquidade... com o papado". Nas notas da Bíblia de Genebra, a primeira Besta em Apocalipse 13 era interpretada como o Império Romano, enquanto a Segunda Besta era vista como aquele que absorvia toda a autoridade do primeiro império.

No entanto, o Anticristo, a Besta, não era visto apenas como o Papa enquanto pessoa, mas como o papado enquanto instituição, que reunia em si os aspectos corruptos, coercitivos e opressores do Império Romano. De acordo com as notas em Apocalipse 13:16-17, o papado era descrito como "uma tirania muito perversa e insolente, que usurpava o poder sobre as pessoas e seus bens e ações". Contestando essa visão, considerava-se um ato de negação da própria Reforma Protestante.

Nas colônias americanas, Increase Mather (1639-1723), seguindo a tradição reformada, foi um fervoroso defensor da visão papal do anticristo. No entanto, seu filho, Cotton Mather (1663-1728), rejeitou essa perspectiva. Ao mesmo tempo, pensadores como Hugo Grotius (1583-1645), Henry Hammond (1605-1660) e Richard Baxter (1615-1691) também refutaram a ideia do papado como o anticristo/homem do pecado. A resistência a essa interpretação foi intensa.[4]

Onde os reformadores cometeram erros? Eles falharam em três pontos principais: (1) na definição bíblica do Anticristo, (2) na quantidade de anticristos, e (3) no momento em que esses anticristos são mencionados, conforme os únicos versículos que utilizam a palavra "anticristo" (1ª João 2:18, 22; 4:1-3; 2ª João 7). Um erro semelhante ocorre na interpretação de 2ª Tessalonicenses 2, sobre o "homem do pecado" ou "homem da iniquidade", também chamado de "filho da perdição" em 2ª Tessalonicenses 2:3 e João 17:12.

Muitas obras que identificam o papado como o Anticristo raramente começam sua análise com os versículos bíblicos que realmente usam a palavra "anticristo". Isso é evidente em muitos livros evangélicos. Embora as críticas à Igreja Católica Romana sejam bem formuladas em muitos livros, o conceito de Anticristo é utilizado de forma incorreta muitas vezes.

[4] Idem nº 1, pg. 12.

1

Por que o Dispensacionalismo é tão aprovado nas igrejas evangélicas?

No estudo da Escatologia bíblica, uma das posições mais controversas é o Dispensacionalismo. Apesar das inúmeras críticas que recebe, aqueles que o defendem raramente são chamados de "hereges". A crença e a promoção dessa teoria pode não levar alguém para o inferno, mas a persistência no ensino errado pode revelar um coração mau e incrédulo que rejeita a Verdade de Deus em favor de seu sistema pessoal de interpretação.

Alguns pontos principais do Dispensacionalismo são:

1. A existência de uma distinção entre Israel e um novo grupo redentor, denominado Igreja.

2. A ideia de que estamos vivendo em um intervalo que não era conhecido no Antigo Testamento.

3. A crença de que uma geração de judeus desencadeará o fim dos tempos, resultando no massacre de milhões de judeus e bilhões de não judeus.

4. A doutrina de que a Igreja será "arrebatada" secretamente antes de um período de sete anos, conhecido como a Grande Tribulação, que, segundo Jesus, terminará antes do fim.

5. Quase nada no sistema dispensacionalista pode ser comprovado por qualquer Credo ou Confissão de Fé, e ainda assim ele é tolerado como uma posição evangélica.

Para os dispensacionalistas, se você não adotar a hermenêutica deles, jamais terá uma "compreensão adequada" sobre como interpretar corretamente a Palavra de Deus e muito menos a Escatologia bíblica. Em outras palavras, se não usar as notas presentes na *Bíblia de Referência* de C. I. Scofield, você nunca entenderá a Bíblia.

Um dos grandes erros comuns entre os cristãos tem sido o Dispensacionalismo presente na Bíblia de Scofield. A Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana Ortodoxa chegou a classificar o Dispensacionalismo como uma heresia "anti-reformada", ou seja, uma doutrina herética em relação à teologia originada da Reforma, que foi formalizada nos Padrões de Westminster do século XVII.[5]

O professor John Murray (1898-1975), que ensinou Teologia Sistemática no *Westminster Theological Seminary* e escreveu um comentário sobre Romanos para a série *New International Commentary*, afirmou que o Dispensacionalismo, visto como heterodoxo pela fé Reformada, é uma forma de interpretação muito popular atualmente. Essa visão separa as diferentes dispensações da revelação redentora de Deus, atribuindo a cada uma princípios diferentes ou até

[5] Idem nº, pg. 16.

contrários, o que acaba rompendo a unidade do modo como Deus lida com a humanidade caída.[6]

E aqui fica a pergunta: Por que as características do Dispensacionalismo não são criticadas como heréticas da mesma forma que outros sistemas escatológicos? É porque o Dispensacionalismo tem mais influência e está mais profundamente inserido nas igrejas evangélicas do que todas as posições preteristas juntas.

[6] Idem nº 1, pg. 17.

2

O que deu origem à confusão escatológica no mundo cristão?

Muita da confusão e dos questionamentos atuais sobre Escatologia decorre do fato de que a Igreja não fez uma distinção clara entre passagens que se referem à (1) "esta geração" mencionada por Jesus em Mateus 24:34 como sendo uma referência ao ano 70 d.C. e aquelas que descrevem (2) a Segunda Vinda, que ainda é futura.

O Credo Niceno afirma:

> "E Ele virá novamente com glória para julgar os vivos e os mortos".

Já o Credo Apostólico declara:

> "...subiu ao céu e está sentado à mão direita do Pai, de onde há de vir julgar os vivos e os mortos".

Quais passagens foram usadas para identificar essa vinda? Esta é uma questão crucial, e não sabemos a resposta em relação aos Credos, pois não existe um registro (pelo menos até onde sabemos) dos textos específicos que os bispos possam ter utilizado.

No entanto, há uma referência de Cirilo de Jerusalém (313-386 d.C.), que escreveu durante o período do Credo Niceno:

> Na Aula XV,[7] "Cirilo expõe a cláusula Nicena, "E ele virá novamente, com glória, para julgar os vivos e os mortos; cujo reino não terá fim". Embora partes da cláusula (artigo) sejam adições posteriores do segundo Concílio ecumênico em 381 d.C.,[8] a cláusula original remonta ao Concílio de 325.[9] Ao longo da palestra de Cirilo, ele correlaciona este artigo do Credo com a escatologia das escrituras, nos fornecendo uma visão valiosa sobre como um teólogo do século IV via a escatologia das escrituras como a fonte para a escatologia do Credo Niceno. Por uma questão de brevidade, examinaremos apenas duas das correlações de Cirilo".[10]

---

[7] William Telfer, ed., "Cyril of Jerusalem and Nemesius of Emesa," The Library of Christian Classics (Philadelphia: The Westminster Press, 1955), 4:147. Apud Gary DeMar, *When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree*, p. 18. Versão eletrônica em PDF.

[8] Phillip Schaff, Creeds of Christendom, 3 vols. (New York: Harper & Brothers, 1887), 2:41. Apud Gary DeMar, *When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree*, p. 18. Versão eletrônica em PDF.

[9] Schaff, Creeds of Christendom, 2:41. Apud Gary DeMar, *When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree*, p. 18. Versão eletrônica em PDF.

[10] [From Wikipedia: "Matthew 24:6 speaks of "wars and reports of wars," as a sign of the End Times, and it is within this context that Cyril read Julian's war with the Persians. Matthew 24:7 speaks of 'earthquakes from place to place,' and Jerusalem experienced an earthquake in 363 at a time when Julian was attempting to rebuild the temple in Jerusalem. [Dayna S. Kalleres (13 October 2015). City of Demons: Violence, Ritual, and Christian Power in Late Antiquity. Univ of California Press.] Embroiled in a rivalry with Acacius of Caesarea over the relative primacy of their respective sees, Cyril saw even ecclesial discord a sign of the Lord's coming. [Jerry L. Walls, Professor of Philosophy of Religion Asbury Theological Seminary (31 October 2007). The Oxford Handbook of Eschatology. Oxford University Press.] Catechesis 15 would appear to cast Julian as the antichrist, although Irshai views this as a later interpolation. [Dayna S. Kalleres (13 October 2015). City of Demons: Violence, Ritual, and Christian Power in Late Antiquity. Univ of California Press.] "In His first coming, He endured the Cross, despising shame; in His second, He comes attended by a host of Angels, receiving glory. We rest not then upon His first advent only, but look also for His second. [Cyril; Gifford, Edwin Hamilton (1894). "Catechetical Lectures of Saint Cyril, Lecture 15,

Nos parágrafos dezenove a vinte e quatro, são mencionados Mateus 24:30 e Mateus 25:31. Assim, segundo Cirilo, o artigo do Credo Niceno e Ante-Niceno: "E Ele virá para julgar os vivos e os mortos", tem suas raízes nesses ensinamentos do Evangelho de Jesus. As duas passagens citadas por Cirilo como fontes para esse artigo niceno foram interpretadas por Jesus como um cumprimento restrito ao primeiro século. Veja o que isso implica.

Como passagens paralelas, Mateus 24:30 e Mateus 25:31 serviram de base para o artigo escatológico dos credos niceno e ante-niceno, conforme apontado por Cirilo de Jerusalém.

O cumprimento dessas passagens, no entanto, é restrito à vida da geração contemporânea de Jesus e aos eventos relacionados à destruição do templo no primeiro século.

Portanto, no que diz respeito ao tempo de cumprimento, uma expectativa futura para o artigo escatológico: "Ele virá para julgar os vivos e os mortos" é, segundo Jesus, completamente anacrônica.

Foi em Mateus 16:27-28 que os membros do Concílio de Nicéia se basearam para confirmar a frase: "Ele virá novamente com glória para julgar tanto os vivos quanto os mortos". Esta passagem foi usada pelos bispos do Concílio de Nicéia como parte da Ortodoxia do Credo para a Segunda Vinda de Cristo. Mas está errado. Nessa questão, o teólogo Gary DeMar está certo em suas críticas.

Section 1." In Philip Schaff, Wace, Henry (eds.). Nicene and Post-Nicene Fathers. series two. Vol. 7. Buffalo, NY: Christian Literature Publishing Co.] He looked forward to the Second Advent which would bring an end to the world and then the created world to be made anew. At the Second Advent he expected to rise in the resurrection if it came after his time on earth. [Le Roy Froom, The Prophetic Faith of Our Fathers, 1:1006.]] Apud Gary DeMar, *When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree*, p. 18. Versão eletrônica em PDF.

> "Pois o Filho do Homem está prestes a [*μέλλει*, no grego] vir na glória de Seu Pai com Seus anjos e ENTÃO RETRIBUIRÁ A CADA PESSOA DE ACORDO COM SUAS OBRAS [Sl. 62:12]. Em verdade vos digo que há alguns dos que estão aqui que não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em Seu reino".

Compare o texto acima com o que encontramos em Judas:

> "Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele.
>
> Os tais são murmuradores, são descontentes, andando segundo as suas paixões. A sua boca vive propalando grandes arrogâncias; são aduladores dos outros, por motivos interesseiros".
>
> – Judas 1:14-16

O teólogo Keith Mathison é um preterista parcial. Ele tem uma visão interessante sobre Mateus 25:31-46, uma passagem frequentemente usada para apoiar a Segunda Vinda:

> "Mas quando o Filho do Homem vier em Sua glória, e todos os anjos com Ele, então Ele se assentará em Seu trono glorioso. E todas as nações serão reunidas diante Dele; e Ele as separará umas das outras, assim como o pastor separa as ovelhas dos bodes; e Ele colocará as ovelhas à Sua direita, mas os bodes à esquerda".

Mathison pergunta: "qual julgamento está sendo descrito em Mateus 25:31-46?" Ele o vincula a Daniel 7, que ele argumenta que "é uma profecia que descreve a inauguração do reino messiânico em vez da segunda vinda". Ele continua afirmando que Jesus está

descrevendo "o julgamento celestial das nações que Daniel associa com a inauguração do reino de Cristo (Daniel 7:9-10)".[11]

Embora o Credo Niceno tenha utilizado dois textos de maneira inadequada para sustentar a doutrina da Segunda Vinda de Cristo, isso significaria uma perda total de credibilidade para o Credo? De forma alguma! A Segunda Vinda de Cristo é fundamentada em diversos outros textos bíblicos que deixam claro tratar-se de um evento futuro. O teólogo Gary DeMar está, em certa medida, correto ao apontar as falhas nos Credos, mas não se pode esquecer que esses documentos são falíveis e passíveis de revisões. Pequenos erros, como o uso inadequado de versículos, não desqualificam os Credos. A questão aqui é a possibilidade de revisão, como ocorreu com a Confissão de Fé de Westminster, como vimos anteriormente.

O Senhor virá? Ele está vindo? ou Ele está prestes a vir? O Credo de um ângulo diferente.

Através de uma análise das línguas originais dos Credos, alguns propuseram uma interpretação alternativa sobre o significado da volta do Senhor, conforme descrita e recitada no Credo Niceno. Sobre este assunto, um autor escreveu:

> "O Credo como o conhecemos, aquele que normalmente chamamos de Credo Niceno, afirma a respeito de nosso Senhor:
>
> "…e voltará com glória para julgar os vivos e os mortos, e seu reino não terá fim."

[11] Keith A. Mathison, From Age to Age: The Unfolding of Biblical Eschatology (Phillipsburg, NJ: Presbyterian Reformed Pub. Co., 2009) 380. Apud Gary DeMar, When Creeds and Confessions Don't Say Enough and Commentators Don't Agree, p. 22. Versão eletrônica em PDF.

É claro, indiscutivelmente, com os verbos-chave "virá" e "terá" no tempo futuro. No entanto, quando olhamos para a versão eslava mais antiga, ela é transliterada:

"…i paki griadushchago so slavoyu suditi zhivim I mertvim jegozhe tsarstviyu ne budet kontsa."

A tradução russa mais moderna é virtualmente idêntica, com todos os verbos no mesmo tempo. O que chama a atenção é o fato de que os dois verbos-chave têm tempos diferentes. O segundo verbo, "budet" ou "shall have", está no futuro, mas o primeiro não. É o particípio presente ativo imperfectivo de "gryasti" (vir, aproximar-se) e a tradução literal mais próxima seria "coming", aproximando-se. Uma leitura completa seria:

"…e Ele (está) vindo novamente com glória para julgar os vivos e os mortos, e cujo reino não terá fim."

Há uma diferença. A primeira frase está em uma forma do tempo presente. Embora transmita uma ação que não foi concluída e sua conclusão esteja no futuro, ela afirma claramente que está acontecendo agora. Normalmente, as coisas não levam 2.000 anos para serem concluídas, é por isso que os tradutores modernos sentiram a necessidade de "corrigir" a frase para o tempo futuro, embora não seja isso que o texto original disse. O original, que se acredita ter sido transmitido desde os tempos apostólicos, foi feito durante um tempo em que o retorno do Senhor era considerado iminente, próximo, à porta, à mão. Sob tal pressuposição, faz todo o sentido do mundo usar uma forma do tempo presente. Mas depois de mais de um milênio, torna-se estranho e provavelmente é melhor fazer ajustes".[12]

[12] Artigo: O Senhor virá? Ele está vindo? ou Ele está prestes a vir? O Credo de um ângulo diferente. Autor: Johnatan Cavalcante Silva. Site: https://medium.com/@johnatancavalcantesilva/o-senhor-vir%C3%A1-ele-est%C3%A1-vindo-ou-ele-est%C3%A1-prestes-a-vir-o-credo-de-um-%C3%A2ngulo-diferente-8b3e3ba36651 Acessado dia 27/11/2024

O autor continua:

> "O eslavo foi traduzido do grego por volta do século IX e eu comecei com ele simplesmente porque eu o entendo, enquanto eu não entendo o grego. Mas graças à tecnologia, qualquer um pode concluir que é uma tradução fiel do original, que é lido transliterado em sua primeira metade (então eu não tenho que lidar com detalhes de tradução não pertinentes):
>
> "…kaí pálin echómenon metá dóxisor"
>
> ou conforme o Google Tradutor
>
> "…e novamente vindo com glória…"
>
> Onde a forma verbal chave é G2064, um particípio no presente, conforme blueletterbible.com (em Mt 16:28 clique em ἐρχόμενον).
>
> O latim, que é mais inteligível para leitores ingleses, apoia a mesma conclusão. Ele diz em sua primeira metade:
>
> "…e íterum ventúrus est cum glória…"
>
> ou literalmente
>
> "…e novamente prestes a vir com glória…"
>
> Os latinos escolheram usar a forma verbal principal como o particípio ativo futuro "venturus", que carrega um claro sentido de iminência. Para transmitir adequadamente a ideia como eles a entendiam, eles inseriram após "venturus", o verbo no presente "est" (is), assim como seria necessário em inglês. Em suma, a ação está agora, prestes a acontecer, mas como ainda não aconteceu, seu resultado está no futuro. Este é essencialmente o caso para todos os três exemplos analisados.

A conclusão é inescapável. Os apóstolos claramente acreditavam que o Senhor estava prestes a vir, Ele viria, durante suas vidas, durante aquela geração. A igreja pós-70 d.C. herdou fielmente essa tradição e continuou a usar as mesmas palavras recebidas dos apóstolos, assumindo a princípio que um pequeno atraso havia ocorrido, então percebendo que havia se estendido por mais tempo do que o assumido, finalmente se estabelecendo pelo infinito. Com o passar do tempo e a evolução das línguas, esses verbos-chave se tornaram arcaicos (eslavo) ou caíram em desuso (latim) e as suposições teológicas acabaram determinando o significado dessas palavras. Assim, o eslavo "gryadushchi" é hoje frequentemente traduzido para o russo como "futuro" e o latim "venturus" começou a ser traduzido livremente para todas as línguas modernas como "virá".

A tradição é importante, é por isso que as forças do mal querem nos divorciar da tradição. Uma maneira de nos divorciar da tradição é nos induzir a esquecer a língua de nossos ancestrais, preservada inalterada nas liturgias tradicionais. O que agora chamamos de línguas litúrgicas já foram vernáculos e, se mantidas em uso, teriam agido como um limitador na evolução, ou melhor, na involução, das línguas, teriam mantido o problema de "perdido na tradução" ao mínimo. As nações, portanto, poderiam ter permanecido mais próximas de suas raízes.

Por outro lado, a tradição nunca deve ter precedência sobre as Escrituras. Sabemos que as Escrituras são inspiradas por Deus, mas não temos a mesma certeza com TODA tradição".[13]

A grande questão que deve nos interessar em tudo isso é uma só: o fato de que as passagens que realmente falam da Segunda Vinda de Cristo (algumas associadas à ressurreição dos mortos), nos mostram que não era possível saber o tempo dessa Vinda, se estava próxima ou distante, se seria na geração da Igreja primitiva ou não. Se os apóstolos acreditavam que o Senhor estava para vir na geração deles,

[13] Idem nº 12.

durante suas vidas, é certo que em relação a Vinda em juízo contra Jerusalém no ano 70 d.C. eles tinha essa certeza, mas com relação a ressurreição dos mortos - que é a própria Segunda Vinda de Cristo -, eles não sabiam quando seria. Eles sabiam que além da conclusão da Grande Comissão, o mundo teria que desfrutar da conversão de todas as nações e um período de paz e prosperidade, algo que demandaria tempo. Isto é muitas vezes ignorado por muitos. Se a Igreja pós-70 d.C. herdou a ideia de que Cristo estava prestes a vir segunda vez, é fato que isso não é de inspiração Divina e não condiz com as Escrituras saber exatamente o tempo, seja ele próximo ou distante. Se os Credos refletiam a esperança da Segunda Vinda para perto do tempo em que foram declarados, é fato também que eles não tinham certeza e estavam equivocados. Os Credos podem ser alterados (e devem ser), conforme pelas Escrituras se apontam equívocos.

Ameaças para quem não aceitar os Credos

> "Pois assim como a alma racional e a carne são um só homem; assim Deus e o Homem são um só Cristo; Que sofreu por nossa salvação; desceu ao inferno; ressuscitou ao terceiro dia dentre os mortos. Ele ascendeu ao céu, está sentado à direita de Deus Pai Todo-Poderoso, de onde virá para julgar os vivos e os mortos [ver Atos 10:42]. Em cuja vinda todos os homens ressuscitarão com seus corpos; E darão conta de suas próprias obras. E os que fizeram o bem irão para a vida eterna; e os que fizeram o mal, para o fogo eterno. Esta é a fé católica; que, a menos que um homem creia verdadeira e firmemente, ele não pode ser salvo".

Observe a frase: "a menos que alguém creia verdadeira e firmemente, ele não pode ser salvo".

Continuando. Gary DEMar cita o Credo Atanasiano que é o "mais respeitado por suas declarações que abrangem a Natureza Trina de Deus".[14] Segundo DeMar, esse Credo "acrescenta um pouco do que encontramos nos Credos dos Apóstolos e Niceno, mas acrescenta um anátema no início e no fim".[15] Gary DEMar ainda comenta que "a virulência dessas cláusulas condenatórias levou alguns críticos, especialmente nas igrejas anglicanas, a garantir a restrição ou abandono do uso do credo".[16]

O Credo finaliza ameaçando:

> "Todo aquele que quiser ser salvo, antes de todas as coisas é necessário que ele mantenha a fé católica. Essa fé, exceto que todos mantenham inteira e imaculada; sem dúvida, ele perecerá eternamente".[17]

Mas por que considerar problemática a ameaça vinda do Credo, se a própria Escritura afirma:

> "Se alguém não ama o Senhor, seja amaldiçoado. Vem, Senhor!"
> - 1ª Coríntios 16:22

Alguém poderá argumentar que a maldição recai não pela falta de amor a um Credo humano, mas sim por não se amar a Pessoa do Senhor. No entanto, o ponto central é que, se um Credo estiver correto em um aspecto fundamental da fé, ele estará em concordância com o Senhor e com Suas palavras. Assim, a rejeição desse ponto não resulta em maldição por causa do Credo em si, mas por causa da verdade Divina que ele reflete. O que está em jogo não é a autoridade do Credo, mas da própria Escritura, da qual o Credo é apenas um reflexo fiel.

---

[14] Idem nº 1, pg. 25.
[15] Idem nº 1, pg. 25.
[16] Idem nº 1, pg. 25.
[17] Idem nº 1, pg. 25.

Mas como os pais da Igreja que fizeram os Credos interpretaram cada um dos versículos sobre a Volta de Jesus? Nós não sabemos, conforme dito acima. Nem temos uma lista dos versículos usados. Os Credos não entram em detalhes sobre temas periféricos como o Anticristo, a Grande Tribulação, ou as diversas interpretações escatológicas (Pré-milenismo, Amilenismo, Pós-milenismo, etc.). Os Credos se concentram no essencial da Fé Cristã — e, no que diz respeito ao fim dos tempos, afirmam apenas de forma clara e direta que:

> Jesus "virá para julgar os vivos e os mortos" (Credo Apostólico),
>
> ou que "virá em glória para julgar os vivos e os mortos, e o seu reino não terá fim" (Credo Niceno).

Portanto, não sabemos se textos como em 1ª Coríntios 1:7-8; 4:5 foram usados pelos Credos para declarar sobre a Segunda Vinda de Cristo. Sobre qual Vinda se refere esses textos? A Vinda em juízo contra Jerusalém no ano 70 d.C. ou a Segunda Vinda final? É fato que os textos sobre a Segunda Vinda de Cristo encontrados em João 5:28-29; 6:39-44, 54, Romanos 8:20-23, Atos 1:9-11; 3:20-21; 17:32; 24:14-15, Hebreus 9:27-28, 2ª Timóteo 4:1, 1ª Coríntios 15:51-55, 1ª Tessalonicenses 4:13-17, Filipenses 3:20-21 podem ter sido seguramente usados para descrever essa Vinda e a ressurreição dos mortos no último dia.

O que se pode concluir deste tópico é que Gary DeMar está equivocado em suas críticas aos Credos cristãos no que se refere à Segunda Vinda de Cristo. Esses documentos de fé não se envolvem em especulações sobre a Grande Tribulação ou o Anticristo, mas simplesmente afirmam — de forma clara e bíblica — que Cristo retornará, exaltando assim a esperança no retorno do Senhor. Os Credos permanecem alinhados com os fundamentos da Fé Cristã, e,

portanto, as advertências severas (como as maldições previstas para quem os rejeita) estão em conformidade com as Escrituras Sagradas.

Inconsistências Interpretativas entre os Comentaristas Bíblicos

Gary DeMar diz que "um dos problemas gritantes" [18] da interpretação escatológica "é que há inconsistências entre os comentaristas bíblicos na determinação de quais passagens se aplicam ao ano 70 d.C. e quais se aplicam a uma vinda física ainda futura".[19] Ele aponta algumas dessas inconsistências quando "uma pessoa diz que Daniel 12:2-3 se refere à ressurreição geral no final da história, enquanto outras dizem que se refere a eventos que levaram até o ano 70 d.C." [20] DeMar continua dizendo que "alguns afirmam que 2ª Pedro 3 descreve a dissolução do cosmos físico no final da história, enquanto outros discordam. Há muitos outros exemplos. Vejamos algumas das passagens que são interpretadas de forma diferente pelos escritores preteristas".[21]

DeMar aponta que o "comentário típico sobre Daniel 12:1-3 aplica os versículos a uma ressurreição/julgamento no fim dos tempos".[22] Ele acrescenta que "a maioria dos comentaristas considera que as palavras se referem principalmente à ressurreição geral que ocorrerá no último dia. E eles pensam que a próxima cláusula, alguns para a vida eterna, e alguns para vergonha e desprezo eternos, requer esta aplicação das palavras e não admite qualquer outra interpretação".[23]

[18] Idem nº 1, pg. 29.
[19] Idem nº 1, pg. 29.
[20] Idem nº 1, pg. 30.
[21] Idem nº 1, pg. 30.
[22] Idem nº 1, pg. 31.
[23] Idem nº 1, pg. 31.

É verdade que esse texto de Daniel é entendido de maneira figurada e metafórica por muitos no sentido de que a ressurreição seria a libertação dos judeus dos problemas causados por Antíoco e de seu cativeiro. A libertação do cativeiro seria a ressurreição espiritual dos judeus – uma ressurreição nacional. Para muitos escritores cristãos essa ressurreição de Daniel 12 seria a ressurreição da morte espiritual para à profissão do Evangelho; mas, em um sentido literal, seria também a ressurreição dos mortos no último dia, que, com relação aos justos, ocorrerá com a aparição pessoal de Cristo.

Apesar das divergências de muitos teólogos, o texto de Daniel 12:1-2 fala claramente da grande tribulação no ano 70 d.C. e uma ressurreição escatológica e consumada que ocorre durante essa tribulação:

> "Naquele tempo, Miguel, o grande príncipe, que guarda os filhos do teu povo, se levantará. E haverá um tempo de angústia como nunca houve, desde que houve nação até aquele tempo; e naquele tempo o teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro, será salvo.
>
> E muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, estes para a vida eterna, mas os outros para a vergonha e o desprezo eterno".

Creio que Daniel não ensina uma ressurreição escatológica e consumada ocorre durante a grande tribulação no ano 70 d.C. O profeta Daniel está apresentando Israel como um local de sepultamento sob a maldição de Deus: Israel, como um corpo coletivo, está no "pó" (Daniel 12:2; compare com Gênesis 3:14, 19). O profeta segue o padrão de Ezequiel em sua visão dos ossos secos, que representam a "morte" de Israel na dispersão babilônica (Ezequiel 37). Nessa profecia de Daniel 12, muitos judeus "despertarão" na Grande Tribulação para sofrer a fúria total da ira de Deus, enquanto outros judeus desfrutarão da graça de receber a vida

eterna. Imagens semelhantes podem ser vistas em Lucas 2:34, em uma profecia sobre os resultados do nascimento de Jesus para Israel:

> "E Simeão os abençoou e disse a Maria, sua mãe: 'Eis que este menino está posto para queda e soerguimento de muitos em Israel e para ser sinal de oposição".

Essa interpretação é correta porque a regra afirma que são os textos claros das Escrituras que devem lançar luz sobre os textos obscuros. As profecias do Antigo Testamento, muitas vezes, são difíceis de entender para o intérprete moderno, pois frequentemente têm cumprimentos duplos e até podem se cumprir em fases distintas. A divergência entre os intérpretes, apontada por Gary DeMar, ocorre porque tudo depende do contexto em que o intérprete vive, de sua tradição religiosa e da luz que ele recebe. É o que aconteceu comigo: por mais de 15 anos, tive acesso apenas ao Dispensacionalismo, Historicismo e Pré-milenismo, dentro do contexto em que vivia, em que havia um monopólio dessas posições, especialmente do Dispensacionalismo, no Brasil. Isso se deu principalmente nas décadas de 1990 e 2000, até a chegada da internet, que trouxe acesso a conteúdos em inglês e outras línguas. Naquela época, não havia como interpretar adequadamente Daniel 12:1-2, vivendo sob o monopólio das correntes futuristas – especialmente em relação a um texto profético do Antigo Testamento, que é obscuro para nós, ocidentais.

Por outro lado, ao analisarmos os textos mais claros das Escrituras no Novo Testamento, onde Jesus é a revelação final de Deus e a chave para a interpretação, podemos ver que a Grande Tribulação ocorre dentro da geração dos discípulos (Mateus 24:34; Marcos 13:30; Lucas 21:32). Sabemos que uma ressurreição final não poderia ter ocorrido dentro da geração dos discípulos, mas é igualmente claro que a Grande Tribulação, como um castigo exclusivo contra a geração que rejeitou a Cristo, deveria acontecer nos tempos da Igreja primitiva.

O ponto que deve ficar claro aqui é que Gary DeMar utiliza as divergências entre os comentaristas bíblicos para questionar os Credos e Confissões de fé, estabelecendo assim sua tendência de adotar o Preterismo Completo. Isso tem ficado evidente em suas publicações. O que DeMar nega é que os textos exclusivos sobre a Segunda Vinda de Cristo são claros e inquestionáveis, não deixando dúvidas de que ela é um evento futuro. As profecias sobre a ressurreição no Antigo Testamento não têm a mesma clareza do Novo Testamento. E Gary DeMar utiliza justamente esses textos obscuros da mesma forma que os dispensacionalistas usam passagens difíceis de entender para justificar sua escatologia equivocada. O que seria deles sem essas passagens obscuras? Porém, o Novo Testamento esclarece tudo o que estava obscuro nos tempos da Antiga Aliança.

4
Sobre 1ª Tessalonicenses 4:13-18

O texto de 1ª Tessalonicenses 4:13-18 é frequentemente utilizado por dispensacionalistas para apoiar a ideia do Arrebatamento Secreto da Igreja. No entanto, outras correntes escatológicas também o citam para defender uma Segunda Vinda pessoal e física de Jesus Cristo. No sistema dispensacionalista, acredita-se que a Igreja será removida da Terra antes de um período de sete anos de Grande Tribulação. Para esses intérpretes, o "arrebatamento" não é considerado a Segunda Vinda no sentido tradicional da expressão. Existem cinco diferentes posições sobre o Arrebatamento Secreto: pré-tribulação, meio-tribulação, parcial, pré-ira e pós-tribulação. Contudo, não vou me aprofundar nessas diferentes interpretações.

A maioria dos cristãos acredita que 1ª Tessalonicenses 4:13-18 se refere a uma Vinda pessoal e física de Jesus. Alguns, no entanto, adotam uma interpretação mais preterista dessa passagem. Gary DeMar, por exemplo, reconhece que 1ª Tessalonicenses capítulos 4-5 são passagens difíceis de interpretar sob qualquer perspectiva escatológica. Ele acredita que há três interpretações legítimas de 1ª Tessalonicenses 4:15-17, pois essas não violam gravemente as regras de interpretação.

DeMar aponta que a interpretação "menos provável" — que era a sua posição até algum tempo atrás — é justamente a mais amplamente aceita, ou seja, a visão de que os três versículos de 1ª Tessalonicenses 4 descrevem o que ocorrerá com os fiéis no último dia da história. No entanto, ele revela que quatro fatores o levaram a abandonar essa interpretação. Para DeMar, é evidente que, ao considerar os capítulos 4-5 em conjunto, há indícios claros de que aqueles que sobreviverem à ressurreição descrita no versículo 16 morrerão e serão ressuscitados novamente. Essa ideia não se encaixa em nenhuma visão tradicional de ressurreição futura nas perspectivas Pré-milenista, Amilenista ou Pós-milenista. DeMar, então, explica por que essa interpretação não parece corresponder às evidências bíblicas de forma consistente.

Ele disse:

> "Mas deixe-me explicar onde cheguei. Não nego uma futura vinda de Cristo no final da história, mas deixe-me apresentar minhas razões pelas quais acredito que esta passagem em particular fala da aparição muito visível de Cristo com Seus exércitos e carruagens angelicais que vieram contra Jerusalém. Esta é a vinda mencionada na primeira metade de Mateus 24, onde Jesus disse que Ele viria antes que aquela geração passasse. Esta é a resposta perfeita para os liberais".[24]

Por duas vezes neste e-book falei sobre Gary DeMar ter "a "tendência" ou estar "indo em direção" ao Preterismo Completo. Por isso, confesso que fiquei curioso ao ver DeMar dizendo que "não nego uma futura vinda de Cristo no final da história". DeMar cita alguns que dizem que o apóstolo Paulo em 1ª Tessalonicenses 4 estava abordando a questão sobre o que acontece com aqueles que não ressuscitam do Sheol/Hades no ano 70 d.C. Ele questiona sobre o que acontece com as almas dos mortos que descem ao

[24] Idem nº 1, pg. 51.

Sheol/Hades (como acontecia no Antigo Testamento)[25] para esperar até a ressurreição de seus corpos. É que alguns ensinam que quem permanecer vivo após o ano 70 d.C., a alma será imediatamente arrebatada ao Céu quando morrer.

DeMar cita outros que reconhecem que há paralelos entre Mateus 24 e 1ª Tessalonicenses 4:13. O problema é que Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21 não citam uma ressurreição dos mortos em nenhum momento – muito menos um arrebatamento dos vivos. A maioria dos intérpretes atuais dizem que Mateus 24 e 1ª Tessalonicenses 4-5 são futuros em seu cumprimento. Todos os preteristas parciais ou completos interpretam que a maior parte de Mateus 24 é aplicável ao ano 70 d.C. Alguns preteristas parciais argumentam que 1ª Tessalonicenses 4 e 5 se aplicam à Segunda Vinda de Cristo. Se existem paralelos entre Mateus 24 e 1ª Tessalonicenses 4-5, então um preterista poderia argumentar que ambos os textos tratam do mesmo assunto sobre o ano 70 d.C. Não há dúvidas entre os preteristas completos e parciais que Mateus 24 é de fato uma referência aos eventos do ano 70 d.C. Muitos descrevem que os possíveis paralelos entre Mateus 24 e 1ª Tessalonicenses 4-5 merecem muito mais estudo. Tanto DeMar como o teólogo Kenneth Gentry não consideram esses textos um problema espinhoso, mas é interessante um apelo para muito mais estudo nessa questão. De fato, há paralelos entre Mateus 24 e 1ª Tessalonicenses capítulo 4, mas também não se podem negar as grandes diferenças. É justamente por causa dessas "grandes diferenças" que podemos manter que Mateus 24 fala sobre a Vinda de Cristo em juízo ocorrida no ano 70 d.C. e 1ª Tessalonicenses capítulo 4 refere-se a ressurreição dos mortos no último dia da história humana.

[25] Alguns creem que os santos do Antigo Testamento morriam eram levados diretamente para o Seio de Abraão (Sheol/Hades) e só poderiam entrar diretamente no Céu quando Cristo viesse para morrer e ressuscitar.

O texto de 1ª Tessalonicenses capítulo 5 quando se refere ao "Dia do Senhor", fica mais claro quando se analisa 2ª Tessalonicenses capítulo 2, que fala sobre o homem da iniquidade e o Dia do Senhor. Nesse texto de 2ª Tessalonicenses capítulo 2 fica claro que o homem do pecado era um contemporâneo dos crentes de tessalônica e que iria se manifestar ainda no tempo de vida deles, antecedendo assim o Dia do Senhor – uma provável alusão ao cerco e destruição de Jerusalém no ano 70 d.C.

Portanto, os capítulos 4 e 5 de 1ª Tessalonicenses são assuntos diferentes. O capítulo 4 trata de eventos da Segunda Vinda de Cristo no fim da história e o capítulo 5 sobre eventos que precedem o ano 70 d.C.

Isto deveria estar muito claro entre os estudantes da Bíblia.

5
O Retorno Pessoal e Final de Cristo em Atos 1:9-11

> "Tendo dito isso, foi elevado às alturas enquanto eles olhavam, e uma nuvem o encobriu da vista deles.
>
> E eles ficaram com os olhos fixos no céu enquanto ele subia. De repente surgiram diante deles dois homens vestidos de branco, que lhes disseram: "Galileus, por que vocês estão olhando para o céu? Este mesmo Jesus, que dentre vocês foi elevado ao céu, voltará da mesma forma como o viram subir".
>
> - Atos 1:9-11

O texto acima descreve um retorno pessoal, visível e glorioso de nosso Senhor Jesus Cristo. Esse texto define claramente a Segunda Vinda em termos semelhantes à Sua Ascensão, que foi física e visível. O relato enfatiza que os discípulos estavam olhando atentamente enquanto Jesus subia. Na Ascensão, Jesus sobe física e visivelmente, pois foi elevado "à vista deles" (verso 9). Os discípulos ficaram olhando enquanto Ele subia (verso 10). Os homens vestidos de branco afirmaram que "esse mesmo Jesus", ou seja, o homem Jesus de corpo e alma, o mesmo que viveu entre eles por mais de três anos e que agora estava ressuscitado em um corpo físico — retornaria "da mesma forma como o viram subir" (verso 11). Os primeiros discípulos viram o milagre dEle subir fisicamente, mas não lhes foi

afirmado que veriam Seu retorno ainda naquela geração. A data do retorno de Cristo não foi informada. Desde então ficou estabelecido que o retorno de Cristo será visível, físico e glorioso, refletindo a mesma forma da Ascensão. Isto contraria diretamente a visão do Preterismo Completo. Portanto, essa Vinda de Cristo será espetacular, visível e literal.

Muitos céticos afirmam que essa Vinda não aconteceu por que Jesus não veio dentro daquela geração, logo após a Grande Tribulação que culminou na destruição de Jerusalém, como afirmado em Mateus 16:27-28 e 24:29. Mas na Ascensão os homens vestidos de branco não deram para os discípulos a data da Segunda Vinda de Cristo, diferente da Vinda em Juízo que tinha data para acontecer naquela geração da Igreja primitiva (Mateus 24:34). Por confundirem a Vinda em juízo naquela geração com a Segunda Vinda no fim dos tempos, os céticos apontam que as promessas de um retorno de Cristo se tornaram altamente problemáticas e enganosas.

Para alguns teólogos a interpretação isolada de Atos 1:11 com a declaração dos anjos não deve ter peso maior do que todas as demais declarações de Jesus sobre o assunto de Sua Vinda. Mas aqui vem novamente o problema de se confundir as "vindas". Não se trata de um método interpretativo desequilibrado. O que o texto de Atos 1:9-11 realmente afirma foi uma nova revelação bem marcante, diferente das outras falas de Jesus sobre uma Vinda ainda naquela geração. Se não fosse assim não haveria necessidade de Atos 1:9-11 ser claramente uma revelação nova. O fato dos dois homens vestidos de branco ter que esclarecer sobre como seria o retorno de Cristo é muito significativo. Até então, os discípulos sabiam que a Vinda em juízo seria nas nuvens do céu, semelhante às vindas de Javé no Antigo Testamento, mas uma Segunda Vinda corporal de Cristo como um inverso do evento da Ascensão ao Céu não era de conhecimento deles.

Portanto, os Credos da Igreja e as Confissões de Fé estão corretíssimos quando usaram Atos 1:9-11 como prova da Segunda Vinda corporal de Cristo no último dia da história humana.

Conclusão

Os Credos e Confissões de Fé estão Corretos até Certo Ponto

De fato, não existem fundamentos sólidos na Confissão de Fé de Westminster, em seus catecismos, nem em outras Confissões ou Credos, que sustentem qualquer forma de Preterismo Parcial ou Completo. Se os preteristas parciais, por exemplo, recorrem ao Credo Niceno e à Confissão de Fé de Westminster como marcos históricos para fundamentar sua ortodoxia na interpretação da profecia bíblica realizada, sua posição não encontrará suporte.

No entanto, isso não justifica que Gary DeMar e outros coloquem em dúvida os ensinamentos dos Credos e Confissões de Fé, especialmente no que se refere à ressurreição final e à Segunda Vinda de Cristo, temas sobre os quais estão absolutamente corretos por se basearem nas Escrituras Sagradas. Não importa que existam divergências entre os comentaristas bíblicos em questões periféricas, como a Grande Tribulação, o Anticristo, etc. Tais divergências não comprometem a clareza e a veracidade do que é ensinado sobre a Segunda Vinda de Cristo e a ressurreição final.

Devemos ser cautelosos ao questionar as conclusões daqueles que nos precederam, especialmente antes de intervir em contestações. Nem sempre possuímos mais sabedoria ou compreensão do que aqueles que tomaram decisões antes de nós, e muitas vezes não

conseguimos enxergar todas as nuances de uma questão até que nos familiarizemos com ela de forma mais profunda. A menos que tenhamos um entendimento claro das razões que levaram os Credos e Confissões de Fé a adotar determinadas posições, não podemos, com segurança, modificá-las ou concluir que estavam errados. O primeiro passo, antes de sugerir qualquer alteração em um Credo ou Confissão de Fé, é compreendê-los integralmente, analisando-os com profundidade. Devemos estudar como os Credos, as Confissões e os comentaristas bíblicos se interligam, para que possamos propor mudanças fundamentadas.

Espero que o teólogo Gary DeMar, a quem frequentemente cito, não se perca neste processo. Embora as Confissões, como a de Westminster, tenham cometido equívocos, como no caso da interpretação do Anticristo em 2ª Tessalonicenses 2, onde identificaram erroneamente o Papa como sendo o Anticristo, no essencial, acertaram.

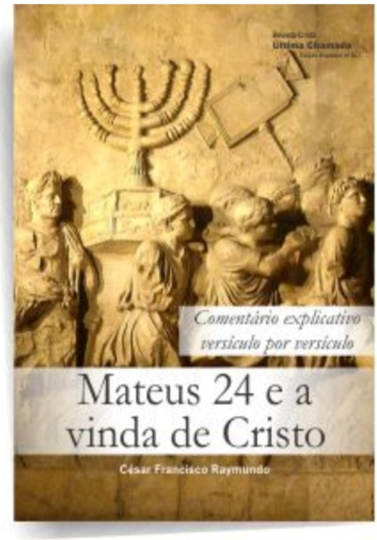
O que Gary DeMar defende em seu livro é mais uma tentativa para poder estabelecer seus pontos de vista. E para isto, se utiliza das falhas nas Confissões de Fé e das divergências dos comentaristas bíblicos. Aliás, nada de novo para quem quer colocar em dúvida os que os pais da Igreja falaram.

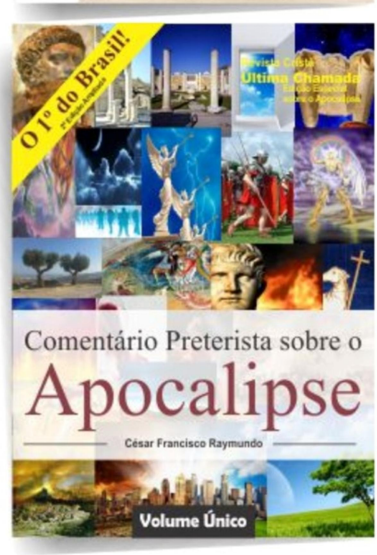
Mas os Credos, as Confissões de Fé e os comentaristas bíblicos não são infalíveis e inspirados por Deus. Mesmo assim, devemos ser prudentes e não presumir que temos mais sabedoria do que aqueles que nos precederam.

Obras importantes para pesquisa

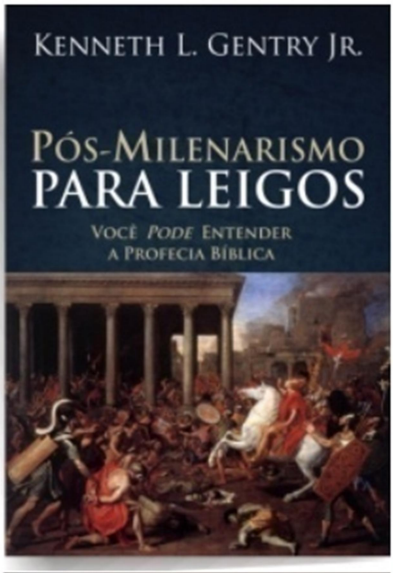
Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org





Revista Cristã
Última Chamada
O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a
Esperança
Pós-milenista?
César Francisco Raymundo


KENNETH L. GENTRY JR.
PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS
VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA

revista cristã
última chamada
Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico
Jay Rogers

César Francisco Raymundo
revista cristã
última chamada
E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?